

Efeitos colaterais do uso de psicoestimulantes para aumento do desempenho em estudantes de medicina: uma mini revisão integrativa

Gabriela de Oliveira Lobo¹, Daniella Xavier Batista¹, Letícia da Silva Pimenta¹, Murillo Nunes Serafim¹, Rhuan Fernandes Carneiro¹, Mirella Andrade Silva Mendes²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás, UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás, UniEVANGÉLICA.

RESUMO: Houve um aumento expressivo no uso de substâncias psicoestimulantes entre estudantes universitários nos últimos anos, especialmente de fármacos que originalmente são prescritos para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esta mini revisão integrativa teve como objetivo analisar os efeitos colaterais do uso de metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes de medicina, com foco na prática da automedicação e na busca por melhor desempenho acadêmico, redução da fadiga e ampliação do tempo de estudo. A pesquisa foi conduzida nas bases SciELO, Google Acadêmico e BVS, abrangendo o período de 2020 a 2025, resultando em oito artigos selecionados, sendo cinco deles utilizados para compor os resultados e a discussão. Os estudos analisados apontam que o consumo dessas substâncias tem crescido de forma preocupante, motivado pela intensa pressão acadêmica e pela percepção subjetiva de melhora na concentração, memória e rendimento, embora não existam evidências científicas que comprovem ganhos cognitivos reais. Os principais efeitos adversos relatados incluem insônia, ansiedade, taquicardia, inapetência, irritabilidade e risco de dependência psicológica. Conclui-se que o uso não prescrito de psicoestimulantes configura um importante problema de saúde pública no meio universitário, reforçando a necessidade de ações educativas, acompanhamento psicológico e maior rigor no controle e na dispensação de medicamentos de uso controlado.

Palavras-chave:
Estudantes de medicina. Psicoestimulantes. Uso de medicamentos. Efeitos colaterais.

INTRODUÇÃO

O ambiente acadêmico dos cursos de Medicina caracteriza-se por uma alta carga horária, competitividade e constante pressão por desempenho. Nesse contexto, tem sido observado o aumento do uso de substâncias psicoestimulantes, especialmente anfetamínicos como o metilfenidato e o dimesilato de lisdexanfetamina, entre estudantes que buscam potencializar a concentração, prolongar o tempo de estudo e reduzir a fadiga. Esses fármacos, originalmente indicados para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), vêm sendo utilizados de forma não terapêutica, configurando um fenômeno crescente de automedicação e uso indevido no meio universitário¹.

A difusão do uso de psicoestimulantes entre estudantes de medicina reflete, em grande parte, uma tentativa de lidar com as elevadas exigências cognitivas e emocionais impostas pela formação médica. Entretanto, o consumo sem prescrição médica pode acarretar diversos efeitos adversos, como insônia, taquicardia, ansiedade, inapetência e risco de dependência psicológica². Além disso, pesquisas indicam que não há comprovação científica de melhora significativa do desempenho cognitivo em indivíduos saudáveis que utilizam tais substâncias, o que reforça o caráter arriscado e ineficaz dessa prática³.

Diante dessa realidade, estabelece-se a seguinte questão norteadora: quais os efeitos colaterais do uso de anfetamínicos para o aumento do desempenho em estudantes de medicina? A investigação dessa problemática justifica-se pela crescente banalização do uso de medicamentos controlados e pela necessidade de compreender seus impactos sobre a saúde física e mental dos futuros profissionais da área da saúde. Estudos recentes apontam que o estresse acadêmico, a sobrecarga de atividades e a facilidade de acesso às substâncias figuram entre os principais fatores associados ao uso de psicoestimulantes, destacando-se o metilfenidato como o mais consumido entre os estudantes⁴.

A relevância deste estudo reside na contribuição para o reconhecimento dos riscos associados ao consumo não prescrito de anfetamínicos, bem como na promoção de reflexões sobre a medicalização do desempenho acadêmico. Diversos autores apontam que grande parte dos estudantes desconhece os efeitos colaterais dessas substâncias, o que agrava o risco de uso indevido e dependência psicológica⁵. Ao reunir evidências sobre os efeitos colaterais e o padrão de uso dessas substâncias, esta pesquisa busca subsidiar o desenvolvimento de estratégias educativas e de prevenção, além de fomentar ações institucionais voltadas à promoção do bem-estar psicológico e ao uso racional de medicamentos controlados.

Assim, o objetivo desta mini revisão integrativa é analisar os efeitos colaterais do uso de anfetamínicos para o aumento do desempenho em estudantes de medicina, apresentando uma síntese

das principais evidências científicas disponíveis sobre o tema. Espera-se, ainda, que os achados contribuam para o aprimoramento das políticas educacionais e de saúde mental nas universidades, além de incentivar medidas de conscientização e controle do uso indevido dessas substâncias.

METODOLOGIA

Trata-se de uma mini revisão de caráter descritivo, em que as buscas foram realizadas por meio da pesquisa na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores: "Estudantes de medicina"; "uso de medicamentos"; "efeitos colaterais"; "metilfenidato"; "lisdexanfetamina"; em combinação com o termo booleano "AND" e "OR". Foram encontrados 453 artigos que foram submetidos aos critérios de seleção. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas inglês, português ou espanhol, que abordassem as temáticas propostas nesta pesquisa, estivessem disponíveis na íntegra de forma gratuita e não se tratasse de revisões, dissertações ou teses de doutorado. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados, disponíveis apenas em formato de resumo, que não abordavam diretamente a temática estudada ou não respondiam à questão norteadora — *quais os efeitos colaterais do uso de anfetamínicos para o aumento do desempenho em estudantes de medicina* —, além daqueles que não atendiam aos demais critérios de inclusão. Após a análise detalhada dos títulos e resumos, foram selecionados oito artigos que atendiam aos critérios de inclusão. Desses, cinco foram utilizados na apresentação dos resultados, considerando sua maior relevância para o tema.

RESULTADOS

A análise dos estudos selecionados evidenciou os principais achados sobre o uso de psicoestimulantes entre estudantes de medicina. Segundo Mezacasa Júnior et al., o consumo dessas substâncias apresentou aumento de 10% entre 2015 e 2018, sendo o metilfenidato o fármaco de maior crescimento no período, passando de 21% para 56% dos usuários. O estudo destacou a percepção dos estudantes quanto à melhora da concentração e da capacidade de estudo, embora não tenha abordado de forma específica os efeitos adversos ou a dependência psicológica associados ao uso⁶.

Em consonância, Oliveira, Dutra e Fófano observaram que 57,4% dos acadêmicos de medicina de uma instituição privada faziam uso de algum psicoestimulante, destacando-se o metilfenidato (60%), cafeína (85%) e bebidas energéticas (65%). Os principais efeitos relatados foram a melhora na concentração (97%), redução do sono (83%) e melhora do raciocínio (80%), contudo, os autores

ressaltaram que o uso abusivo dessas substâncias pode ocasionar insônia, ansiedade e aumento do estresse⁷.

De acordo com Teixeira et al., o uso de psicoestimulantes foi identificado em 31,5% dos estudantes, sendo que 62,7% dos usuários não possuíam diagnóstico de TDAH, evidenciando o consumo voltado ao aumento do desempenho acadêmico e não ao tratamento médico. Ainda, 31,5% dos não usuários demonstraram interesse em utilizar futuramente, o que aponta a normalização do uso dessas substâncias entre universitários⁸.

Já Rocha et al. relataram que, de um total de 532 estudantes de medicina, 29% utilizaram metilfenidato, sendo 69% deles sem prescrição médica. Entre os usuários não prescritos, 86,8% relataram melhora na concentração, enquanto 51,9% apresentaram efeitos adversos como insônia, taquicardia e inapetência. Os autores destacam a ausência de estudos que comprovem a segurança do uso em indivíduos saudáveis e a necessidade de campanhas educativas sobre os riscos do uso indiscriminado².

Os achados de Nasário e Matos corroboram essa tendência, mostrando que 2,9% dos estudantes faziam uso não prescrito e 17,3% já haviam utilizado o fármaco em algum momento. As principais motivações foram melhorar o desempenho cognitivo (10%) e permanecer acordado por mais tempo (4,1%), sendo que 56,5% obtiveram o medicamento por meio de amigos. Os autores concluíram que o metilfenidato não apresentou efeito positivo sobre o rendimento acadêmico, e que os não usuários obtiveram médias mais altas de desempenho³.

De modo geral, o uso de metilfenidato e lisdexamfetamina entre estudantes de medicina está fortemente associado à pressão acadêmica, automedicação e busca por desempenho cognitivo, com efeitos adversos significativos e ausência de comprovação de melhora real no rendimento. Tais evidências reforçam a importância de estratégias educativas, acompanhamento psicológico e regulação do uso dessas substâncias no contexto acadêmico^{2-3; 6-8}.

DISCUSSÃO

Nos estudos analisados, observa-se que o uso de substâncias psicoestimulantes, como o metilfenidato e outros estimulantes do sistema nervoso central, tem se tornado um comportamento crescente entre estudantes da área da saúde, sobretudo de medicina, motivado pela busca de melhor desempenho acadêmico, aumento da concentração e redução da fadiga. Farmacologicamente, esses fármacos atuam bloqueando a recaptação de dopamina e noradrenalina nas sinapses, o que eleva os níveis desses neurotransmissores e promove maior estado de alerta, atenção e sensação de energia. Contudo, tais efeitos são transitórios e, quando utilizados sem indicação clínica, podem gerar tolerância, dependência psicológica e diversos efeitos adversos. Embora os contextos dos estudos apresentem

particularidades, todos convergem na preocupação com o uso não terapêutico e sem prescrição médica dessas substâncias, evidenciando um fenômeno de automedicação e risco à saúde mental e física^{1; 4-5}.

De acordo com o estudo de Louw e Davids, realizado com estudantes de pós-graduação em medicina na África do Sul, 28,1% dos participantes relataram ter utilizado metilfenidato em algum momento da formação. Destes, apenas 2,4% possuíam diagnóstico clínico de TDAH, indicando que a maior parte dos usuários fazia uso off-label, motivados principalmente pelo desejo de melhorar o rendimento acadêmico (71,8%). O acesso à substância ocorreu, em sua maioria, sem consulta médica (73,2%), por meio de autoprescrição ou prescrição informal de colegas. Esses achados refletem a banalização do uso de psicoestimulantes em ambientes acadêmicos de alta pressão e reforçam a necessidade de políticas institucionais de controle e educação farmacológica¹.

No contexto brasileiro, Batista et al. identificaram que 69,8% dos estudantes de medicina de uma universidade do semiárido relataram o uso de alguma substância psicoativa, incluindo álcool, energéticos, cafeína, metilfenidato e outras drogas. O estudo evidenciou que os principais fatores associados ao consumo foram o estresse acadêmico, a carga horária elevada e o acesso facilitado às substâncias. A pesquisa alerta para os impactos negativos sobre a saúde mental, como sintomas de ansiedade, distúrbios do sono e risco de dependência, demonstrando que o uso recreativo ou motivacional de estimulantes está diretamente ligado a mecanismos de enfrentamento emocional em contextos de sobrecarga acadêmica⁴.

De forma complementar, Cândido et al. realizou um estudo no Sertão de Pernambuco, mostrando que 36,8% dos estudantes da área da saúde haviam utilizado estimulantes do sistema nervoso central, especialmente metilfenidato e cafeína, muitas vezes sem prescrição médica. Entre os motivos mais citados estavam o cansaço físico e mental, a necessidade de prolongar o tempo de vigília e o melhor aproveitamento nos estudos. O trabalho também evidenciou que muitos estudantes desconheciam os efeitos adversos dessas substâncias, como taquicardia, irritabilidade, dependência psicológica e alterações do sono, reforçando a importância de ações educativas e acompanhamento multiprofissional nas instituições de ensino⁵.

Diante disso, os três estudos apontam para um padrão comum de uso não terapêutico e abusivo de psicoestimulantes entre estudantes de saúde, associado ao contexto de competitividade, exaustão e cobrança de desempenho. Apesar de os usuários relatarem melhora subjetiva da atenção e produtividade, não há evidências científicas de aumento real do desempenho cognitivo, e os riscos à saúde mental e cardiovascular são significativos^{1; 4-5}.

Infere-se, portanto, que o uso de metilfenidato e outras substâncias estimulantes com fins de aprimoramento cognitivo constitui um problema de saúde pública emergente no ambiente universitário. Apesar de já existir regulamentação específica por meio da Portaria nº 344/1998 da Agência

Nacional de Vigilância Sanitária, observa-se fragilidade na fiscalização e no controle do acesso a esses medicamentos. Nesse contexto, torna-se essencial o fortalecimento das ações de vigilância sanitária, aliado a estratégias educativas e ao suporte psicológico institucional voltado à prevenção do uso indevido e à promoção do bem-estar estudantil¹⁻⁴.

CONCLUSÃO

Os achados evidenciam que o consumo de psicoestimulantes entre estudantes de medicina é crescente e majoritariamente não prescrito, motivado pela busca de maior concentração e redução da fadiga em um contexto de alta exigência acadêmica. Contudo, não há comprovação científica de melhora real no desempenho, enquanto os efeitos adversos — como insônia, ansiedade, taquicardia, inapetência e risco de dependência psicológica — são amplamente documentados. Diante disso, reforça-se a necessidade de intensificar ações de fiscalização, promover intervenções educativas e fortalecer o suporte psicossocial nas instituições de ensino, visando à prevenção do uso abusivo e à preservação da saúde física e mental dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- 1 LOUW, W. A. N.; DAVIDS, R. A. Prevalence of methylphenidate use by Master of Medicine students at a South African university. **Postgraduate Medical Journal**, v. 98, n. 1166, p. 925–929, 1 dez. 2022. DOI: 10.1136/postgradmedj-2021-140991. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34675117/>. Acesso em: 15 out.2025.
- 2 ROCHA, D. B. M. et al. Metilfenidato: uso prescrito versus uso indiscriminado por acadêmicos de medicina. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 30, 2020. DOI: 10.5935/2238-3182.20200073. Disponível em: <https://rmmg.org/exportar-pdf/2742/e30119.pdf>. Acesso em: 15 out.2025.
- 3 NASÁRIO, B. R.; MATOS, M. P. P. Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e235853, 2022. DOI: 10.1590/1982-3703003235853. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tyxSMDVHkzbbLwB97m6f7zK/>. Acesso em: 15 out.2025.
- 4 BATISTA, R. S. C. et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina em uma universidade do semiárido brasileiro. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 55, n. 1, 4 maio 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2022.184136. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1368489> Acesso em: 15 out.2025
- 5 DA SILVA CÂNDIDO, G. et al. USO DE ESTIMULANTES DO SISTEMA NERVOSENTRAL POR ESTUDANTES DE SAÚDE DO SERTÃO DE PERNAMBUCO. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 36, 9 out. 2021. DOI: 10.31011/reaid-2021-v.95-n.36-art.1101. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1101>. Acesso em: 15 out.2025

6 JÚNIOR, R. C. M. et al. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: Resultados de um estudo de painel. **Scientia Medica**, v. 31, n. 1, p. e38886, 31 ago. 2021. DOI: 10.15448/1980-6108.2021.1.38886. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1101>. Acesso em: 15 out.2025

7 OLIVEIRA, F. S.; DUTRA, H. F.; FÓFANO, G. A. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás *Cândido Santiago***, v. 9, 2023. DOI: 10.22491/2447-3405.2023.V9.9f7. Disponível em: <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/684>. Acesso em: 15 out.2025

8 TEIXEIRA, A. B. et al. Uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina em uma faculdade particular de Juiz de Fora - MG. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 12, p. e3599, 8 out. 2020. DOI: 10.25248/reac.e3599.2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/3599>. Acesso em: 15 out.2025